

IAN MCEWAN

Máquinas como eu

E gente como vocês

Tradução

Jorio Dauster



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by Ian McEwan
Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Machines Like Me and People Like You

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Jane Pessoa

Valquíria Della Pozza

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McEwan, Ian

Máquinas como eu : e gente como vocês / Ian McEwan ; tradução Jorio Dauster. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

Título original: Machines Like Me and People Like You.

ISBN 978-85-359-3228-7

1. Ficção inglesa 1. Título.

19-26301

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para Graeme Mitchison
1944-2018

*Mas lembre, por favor, que, segundo a lei pela qual vivemos,
Não fomos feitos para compreender uma mentira...*

Rudyard Kipling, "O segredo das máquinas"

Um

Era uma aspiração religiosa abençoada pela esperança, era o Santo Graal da ciência. Nossas ambições eram tão sublimes quanto mesquinhas — a realização de um mito da criação, um monstruoso ato de amor-próprio. Tão logo se tornou factível, não nos restou alternativa senão perseguir aquele objetivo sem pensar nas consequências. Em termos mais elevados, tínhamos como meta escapar de nossa mortalidade, confrontar ou mesmo substituir a divindade por um eu perfeito. Do ponto de vista prático, tencionávamos criar uma versão melhorada e mais moderna de nós mesmos, exultando com a alegria da invenção e a excitação da maestria. No outono do século xx, isso por fim aconteceu, os primeiros passos rumo à realização de um velho sonho, o início de uma longa lição em que nos ensinaríamos que, por mais complicados que fôssemos, por mais defeituosos e difíceis de descrever em nossas ações e comportamentos menos complexos, podíamos ser imitados e aperfeiçoados. E lá estava eu, ainda jovem, um dos primeiros e ávidos entusiastas naquela frígida alvorada.

Mas como os seres humanos artificiais representavam um lugar-comum muito antes de se tornarem realidade, quando isso aconteceu eles foram para alguns um desapontamento. A imaginação, mais rápida que a história e o progresso tecnológico, já havia ensaiado o futuro em livros e, mais tarde, em filmes e séries de televisão, como se atores humanos — caminhando com um olhar meio vidrado, movimentos fajutos da cabeça e certa rigidez na coluna vertebral — pudessem nos preparar para conviver mais adiante com nossos primos.

Eu estava entre os otimistas, favorecido pelos recursos inesperados que se seguiram à morte da minha mãe e à venda da casa da família, por sorte localizada numa área valorizada. O primeiro ser humano artificial verdadeiramente viável — com inteligência e aparência plausíveis, movimentos corretos e mudanças de expressão — foi posto à venda uma semana antes que a Força-Tarefa das Malvinas se lançasse ao mar para sua fracassada missão. Adão custou oitenta e seis mil libras. Levei-o numa caminhonete alugada para meu pouco acolhedor apartamento no norte de Clapham. Eu tinha tomado uma decisão imprudente, porém me sentia encorajado pela notícia de que Sir Alan Turing, herói de guerra e o maior gênio da era digital, havia adquirido o mesmo modelo. Ele provavelmente queria desmontá-lo em seu laboratório a fim de examinar em profundidade como funcionava.

Doze exemplares dessa primeira edição se chamavam Adão, treze se chamavam Eva. Piegas, todos concordavam, mas comercialmente eficaz. Como as noções de raça biológica tinham sido cientificamente desacreditadas, os vinte e cinco foram projetados de modo a abarcar um largo espectro étnico. Houve rumores, e depois reclamações, de que não se podia distinguir o árabe do judeu. A programação randômica e a experiência existencial permitiam uma grande latitude em matéria de preferência sexual.

No final da primeira semana, todas as Evas tinham sido vendidas. À primeira vista, eu poderia considerar meu Adão um turco ou um grego. Como pesava setenta e sete quilos, tive de pedir à vizinha do andar de cima, Miranda, que me ajudasse a carregá-lo na maca descartável fornecida juntamente com o produto.

Enquanto suas baterias eram carregadas, fiz café para nós dois e, no computador, passei os olhos pelas quatrocentos e setenta páginas do manual de instruções. A linguagem era em geral clara e precisa. Mas tendo Adão sido criado por várias empresas, vez por outra as instruções refletiam o encanto de uma poesia do absurdo. “Descubra a parte superior do colete do B347k a fim de obter fácil acesso à placa-mãe e assim atenuar a penumbra das mudanças de estado de espírito.”

Por fim, apesar dos restos de papelão e isopor em volta dos tornozelos e ainda nu, ele foi posto sentado diante de minha pequena mesa de jantar, com os olhos cerrados e um fio preto ligando o ponto de entrada em seu umbigo a uma tomada de 13A na parede. Seriam necessárias dezesseis horas para carregar as baterias. Depois, várias sessões para baixar as atualizações e preferências pessoais. Eu o queria imediatamente, e Miranda também. Como jovens pais ansiosos, mal podíamos esperar para ouvir suas primeiras palavras. Não havia nenhum alto-falante de má qualidade instalado em seu peito. Sabíamos, por conta da veemente publicidade, que ele formava os sons com ar expirado, língua, dentes e palato. Sua pele, bastante natural, já estava aquecida ao toque e era tão macia quanto a de uma criança. Miranda declarou ter visto suas pestanas se moverem, mas, embora eu tivesse certeza de que ela estava vendo as vibrações causadas pelos trens do metrô correndo trinta metros abaixo de nossos pés, não disse nada.

Adão não era um brinquedo sexual. No entanto, podia ter relações sexuais e possuía membranas mucosas funcionais, para

cuja manutenção consumia meio litro de água por dia. Enquanto permaneceu sentado à mesa, observei que não era circuncidado e era muito bem-dotado de abundantes pelos pubianos negros. Aquele modelo bastante avançado de ser humano artificial provavelmente refletia os apetites dos jovens criadores de código. Imaginava-se que os Adões e Evas deviam ser bem animados.

Ele tinha sido anunciado como um companheiro capaz de oferecer desafios intelectuais, além de servir como factótum, lavando pratos, fazendo a cama e “pensando”. Cada momento de sua existência, tudo que ouvia e via, era registrado e passível de ser recuperado. Ainda não sabia dirigir nem podia nadar ou pegar chuva sem estar devidamente protegido, não podendo também usar uma motosserra na ausência de supervisão. Em matéria de raio de ação, graças aos avanços na área de armazenagem de eletricidade, ele tinha condições de correr dezessete quilômetros em duas horas sem recarregar as baterias, ou o equivalente energético de conversar sem nenhuma pausa durante doze dias. Sua expectativa de vida funcional era de vinte anos. Tinha um corpo compacto, ombros quadrados, pele escura, vasta cabeleira preta penteada para trás; o rosto estreito e o nariz ligeiramente adunco sugeriam uma inteligência viva, combinada com o ar pensativo que provinha das pálpebras um pouco caídas. Enquanto olhávamos para ele, o sepulcral tom amarelado de seus lábios finos cedia lugar a uma rica coloração humana, talvez até mesmo perdendo a rigidez nos cantos da boca. Miranda disse que ele se parecia com um “estivador do Bósforo”.

À nossa frente estava o mais sofisticado brinquedo, sonho de todos os tempos, o triunfo do humanismo — ou seu anjo exterminador. Extraordinariamente excitante, mas também frustrante. Dezesseis horas era tempo demais para esperar e observar. Pensei que, diante da quantia que eu gastara depois do almoço, Adão deveria ter sido entregue já carregado e pronto para

funcionar. A tarde de inverno chegava ao fim. Preparei torradas e tomamos mais café. Miranda, que fazia doutorado em história social, disse que gostaria de ter ao nosso lado Mary Shelley quando adolescente, vendo de perto não um monstro como o de Frankenstein, e sim aquele bonito jovem moreno ganhando vida. Eu disse que ambas as criaturas compartilhavam a mesma fome pela força vivificadora da eletricidade.

“Nós também compartilhamos”, ela falou, como se referindo apenas a nós dois e não a toda a humanidade, com sua carga eletroquímica.

Miranda tinha vinte e dois anos, dez a menos que eu, e era bem madura para sua idade. De certo modo, não havia nada de especial entre nós. Éramos gloriosamente jovens. Mas eu me considerava num estágio de vida diferente. Havia muito terminado os estudos, tinha sofrido uma série de fracassos profissionais e pessoais. Eu me achava endurecido demais, cínico demais, para uma garota tão doce quanto Miranda. Ela era bonita — cabelo castanho-claro, rosto magro e comprido, olhos que frequentemente pareciam quase se fechar a fim de suprimir uma manifestação de hilaridade, o que, em certos estados de espírito, me fazia olhá-la com encantamento. Apesar disso, desde o início eu havia decidido limitá-la ao papel de uma vizinha amiga e bondosa. Dividíamos o hall de entrada, e seu pequeno apartamento ficava diretamente acima do meu. Vez por outra nos encontrávamos para tomar café e conversar sobre relacionamentos, política e tudo o mais. Com uma neutralidade ímpar, ela dava a impressão de estar à vontade com todas as possibilidades. Aparentemente, para ela, uma tarde de prazeres íntimos comigo teria o mesmo peso que uma conversa casta e amigável. Ficava à vontade em minha companhia, e eu preferia pensar que o sexo arruinaria tudo. Continuávamos como bons amiguinhos. Mas, com relação a ela, havia algo atraentemente secreto ou contido. Talvez, sem

saber, eu tivesse me apaixonado por ela havia meses. Sem saber? Que afirmação mais boba!

Relutantemente, concordamos em dar as costas a Adão e nos separarmos por algum tempo. Miranda iria participar de um seminário ao norte do Tâmis, eu precisava redigir alguns e-mails. No início da década de 1970, as comunicações digitais haviam deixado de ser uma mera conveniência e se transformado numa rotina diária. Assim como os trens que corriam a trezentos quilômetros por hora — lotados e sujos. Programas de reconhecimento de voz, um milagre da década de 1950, tinham se tornado uma tarefa enfadonha, com populações inteiras sacrificando várias horas por dia aos solilóquios solitários. A interface entre cérebros e máquinas, fruto exótico do otimismo da década de 1960, não atraía mais o interesse nem mesmo de uma criança. Aquilo que fazia as pessoas formarem filas durante todo um fim de semana, seis meses depois era tão interessante quanto as meias que elas calçavam. O que aconteceu com os capacetes que aumentavam a cognição e com as geladeiras falantes com olfato? Desapareceram como os mouse pads, as agendas Filofax, as facas de trinchar elétricas, o aparelho de fondue. O futuro estava sempre chegando. Nossos novos e maravilhosos brinquedinhos começavam a enferrujar antes que pudéssemos levá-los para casa — e a vida ia seguindo mais ou menos do mesmo jeito.

Será que Adão se tornaria um chato? Não é fácil ditar uma mensagem tentando espantar uma crise de sentimento de culpa de consumidor. Certamente, outras pessoas, outros cérebros, devem continuar a nos fascinar. À medida que os seres artificiais se tornassem mais parecidos com a gente, depois iguais a nós, e por fim nos superassem, jamais poderíamos nos cansar deles. Estavam fadados a nos surpreender. Poderiam nos decepcionar de maneiras que estavam além de nossa imaginação. A tragédia era uma possibilidade, o tédio não.

Maçante era a perspectiva de usar o manual de instruções. Eu cismava que qualquer máquina incapaz de mostrar como deveria ser usada graças a seu próprio funcionamento não valia o custo de mantê-la. Num impulso antiquado, eu estava imprimindo o manual e procurando uma pasta. Enquanto isso, continuava a ditar e-mails.

Eu não conseguia me ver como “usuário” de Adão. Tinha imaginado que não haveria nada a aprender sobre ele que não pudesse ser ensinado pelo próprio. Mas o manual em minhas mãos tinha sido aberto por acaso no Capítulo 14. Lá, a linguagem era clara: preferências; parâmetros de personalidade. Depois uma série de itens — Capacidade de ser agradável. Extroversão. Abertura a novas experiências. Conscienciosidade. Estabilidade emocional. Eu conhecia aquela lista: o modelo de Cinco Fatores. Com a minha formação em ciências humanas, eu suspeitava dessas categorias redutoras, embora soubesse, por um amigo psicólogo, que cada item tinha muitos subgrupos. Passando os olhos na página seguinte, vi que deveria selecionar várias configurações numa escala de um a dez.

Eu tinha esperado um amigo. Estava pronto a tratar Adão como um convidado em minha casa, como um estranho que viria a conhecer bem. Mas imaginei que ele iria ser entregue perfeitamente ajustado. Configurações de fábrica: um sinônimo contemporâneo do destino. Amigos, parentes e conhecidos tinham aparecido sem exceção em minha vida com configurações dadas, com histórias inalteráveis de genes e meio ambiente. Queria o mesmo de meu novo e dispendioso amigo. Por que me encarregar disso? Mas, obviamente, eu conhecia a resposta: poucos de nós somos perfeitamente ajustados. Jesus gentil? Darwin humilde? Um a cada mil e oitocentos anos. Mesmo se conhecesse os melhores e menos prejudiciais parâmetros de personalidade, coisa impossível, uma corporação mundialmente

famosa não poderia correr o risco de cometer um erro. *Caveat emptor*.

Lá atrás, Deus forneceu uma companhia completa para o Adão original. Eu precisava criar um para mim. Em matéria de extroversão, havia um conjunto graduado de afirmações infantis. *Ele gosta de ser a pessoa mais animada na festa e Ele sabe como divertir as pessoas e guiá-las*. Bem para o fim da lista, *Ele se sente desconfortável em meio a outras pessoas e Ele prefere sua própria companhia*. No meio se lia: *Ele gosta de uma boa festa, mas sempre se sente feliz ao voltar para casa*. Isso era eu. No entanto, devia replicar-me? Se fosse escolher algo no centro de cada escala, eu seria capaz de gerar o suprassumo da falta de graça. A extroversão parecia conter seu antônimo. Havia uma longa lista de adjetivos com caixinhas para serem assinaladas: expansivo, tímido, excitável, tagarela, reservado, jactancioso, modesto, audacioso, enérgico, sorumbático. Não queria nada disso, não para ele, não para mim.

Exceto por alguns momentos de decisões tresloucadas, eu passava a maior parte do tempo, em especial quando sozinho, num estado de espírito neutro, com minha personalidade, fosse ela o que fosse, em suspensão. Nem audacioso nem reservado. Simplesmente aqui, nem contente nem tristonho, mas executando tarefas, pensando sobre o jantar ou sexo, olhando para a telinha, tomando um banho de chuveiro. Remorsos intermitentes acerca de coisas passadas, ocasionais presságios sobre o futuro, pouco consciente do presente exceto no óbvio domínio dos sentidos. A psicologia, antigamente tão interessada no trilhão de maneiras pelas quais a mente entra em parafuso, agora era atraída pelo que considerava serem as emoções comuns, da tristeza à alegria. Mas, com isso, desprezava uma vasta área da existência cotidiana: fora a doença, a fome de milhões de pessoas, a guerra e outras tensões, uma parcela importante da vida

transcorre numa zona neutra, num jardim bem conhecido mas cinzento, sem nada de notável, imediatamente esquecido, difícil de ser descrito.

Naquela época, eu não tinha como saber que as opções graduadas exerceriam pouco efeito sobre Adão. O determinante efetivo era o que se chamava de “aprendizado da máquina”. O manual do usuário apenas dava uma impressão de influência e controle, o tipo de ilusão que os pais têm com respeito à personalidade de seus filhos. Era uma maneira de me ligar à compra que eu fizera, de proporcionar proteção legal ao fabricante. “Não se apresse”, aconselhava o manual. “Escolha com cuidado. Permita-se várias semanas caso necessário.”

Deixei passar meia hora antes de verificá-lo de novo. Nenhuma mudança. Ainda à mesa, os braços estendidos à sua frente, olhos fechados. Mas achei que seu cabelo, muito preto, tinha ganhado um pouco de volume e adquirido certo brilho, como se ele houvesse acabado de tomar uma chuva. Chegando mais perto, deliciei-me ao ver que, embora não estivesse respirando, havia no lado esquerdo de seu peito uma palpitação regular, calma e constante, aproximadamente uma por segundo de acordo com minha avaliação de leigo. Muito tranquilizador. Ele não tinha sangue para ser circulado, mas tal simulação se mostrou eficaz. Minhas dúvidas diminuíram um pouco. Fui invadido por um sentimento de proteção, apesar de saber que isso era absurdo. Estendi o braço e pousei a palma da mão sobre seu coração, experimentando a pulsação calma e iâmbica. Senti que estava violando sua privacidade. Era fácil acreditar naqueles sinais vitais. O calor de sua pele, a firmeza e a flexibilidade dos músculos abaixo dela — minha razão dizia se tratar de algum tipo de plástico, porém meu tato reagia a um ser de carne e osso.

Era estranho estar ao lado daquele homem nu, lutando entre o que eu sabia e o que sentia. Pus-me às suas costas, em parte

para ficar fora do raio de visão de olhos que poderiam se abrir a qualquer momento e me descobrir curvado sobre ele. Adão era musculoso em volta do pescoço e da coluna. Havia pelos escuros em seus ombros. As nádegas exibiam concavidades musculares. Abaixo delas, as panturrilhas de um atleta. Não tinha desejado um super-homem. Lamentei-me mais uma vez por haver chegado demasiado tarde para conseguir uma Eva.

Ao sair da sala, parei a fim de olhar para trás e vivi um daqueles momentos que podem abalar nossa existência emocional: uma surpreendente percepção do óbvio, o absurdo salto que nos faz compreender algo já sabido. Eu segurava a maçaneta da porta com uma das mãos. Talvez tenha sido motivado pela nudez de Adão e sua presença física, mas eu não estava olhando para ele. Foi a manteigueira, além de dois pires e xícaras, duas facas e duas colheres espalhadas sobre a mesa. Os restos de minha longa tarde com Miranda. Duas cadeiras de madeira estavam afastadas da mesa, voltadas amistosamente de frente uma para a outra.

Tínhamos ficado mais próximos durante o último mês. A conversa fluía com facilidade. Entendi como ela era preciosa para mim e como podia perdê-la por descuido. Já devia ter dito alguma coisa a ela, em vez de vê-la como uma parte normal do dia a dia. Algum fato desagradável, alguma pessoa, algum colega poderia interpor-se entre nós. Seu rosto, sua voz, seu jeito, ao mesmo tempo reticente e lúcido, se tornaram intensamente presentes. O toque de sua mão na minha, aquele ar perdido e preocupado que ela tinha. Sim, tínhamos ficado muito próximos, e eu deixara de reparar no que estava acontecendo. Era um idiota. Precisava dizer a ela.

Voltei para meu escritório, que também serve como quarto de dormir. Entre a escrivaninha e a cama havia espaço suficiente para andar de lá para cá. A necessidade de que ela conhecesse meus sentimentos era agora uma fonte de ansiedade. Seria

embaraçoso descrevê-los, perigoso. Tratava-se de uma vizinha, uma amiga, uma espécie de irmã. Eu estaria me dirigindo a alguém que ainda não conhecia de fato. Ela seria obrigada a sair de trás de um biombo ou retirar uma máscara para me falar de um modo totalmente novo. *Desculpe... gosto muito de você, mas, sabe...* Ou ficaria horrorizada. Ou, possivelmente, muitíssimo alegre ao ouvir aquilo por que ansiava, ou que queria muito dizer ela mesma, mas tinha pavor da rejeição.

Por sorte, naquela época estávamos ambos livres. Ela deve ter pensado naquilo, em nós. Não era uma coisa fantástica, impossível. Teria de lhe dizer cara a cara. Insuportável. Inevitável. E minha cabeça ficou dando voltas, cada vez mais apertadas. Inquieto, voltei à sala. Não vi nenhuma mudança em Adão ao passar raspando por ele a caminho da geladeira, onde havia meia garrafa de um Bordeaux branco. Sentei-me à frente dele e ergui o copo. Ao amor. Dessa vez, senti menos ternura. Vi Adão pelo que era, um artefato inanimado cujas pulsações correspondiam a uma descarga elétrica regular, cuja pele quente se devia apenas a uma reação química. Depois de carregadas as baterias, algum tipo de roda de balanço microscópica abriria seus olhos. Ele pareceria me ver, mas de fato seria cego. Nem mesmo cego. Ao ser ativado, outro mecanismo daria a aparência de respiração, mas não de vida. Um homem recém-apaixonado sabe o que é vida.

Com a herança, eu poderia ter comprado alguma coisa ao norte do Tâmis, em Notting Hill ou Chelsea. Ela teria podido até mesmo me acompanhar, conseguindo acomodar todos os livros que estavam encaixotados na garagem de seu pai em Salisbury. Vi um futuro sem Adão, o futuro que era meu até a véspera: um jardim urbano, tetos altos com frisos de gesso, cozinha de aço inoxidável, velhos amigos vindo jantar. Livros por toda parte. O que fazer? Ele, ou aquilo, poderia ser devolvido ou vendido na internet com algum prejuízo. Lancei-lhe um olhar hostil. As

palmas de suas mãos estavam pousadas sobre a mesa, o rosto de feições aquilinas inclinado em direção a elas. Minha tola paixão pela tecnologia! Outro aparelho de fondue. Resolvi ir para bem longe daquela mesa antes que eu acabasse pegando o velho mar-telo de papai e ficasse bem mais pobre com um único golpe.

Bebi menos de meio copo e voltei ao quarto para me distrair com os mercados de câmbio da Ásia. Fiquei atento para ouvir passos no apartamento acima do meu. No fim da noite, liguei a televisão a fim de me informar sobre a Força-Tarefa que em breve atravessaria doze mil e oitocentos quilômetros de oceano para recuperar o que então chamávamos de Ilhas Falklands.

Aos trinta e dois anos, eu estava financeiramente quebrado. Gastar a herança de minha mãe numa engenhoca era apenas parte de meu problema — mas bem típico. Sempre que recebia algum dinheiro, fazia com que desaparecesse, queimava numa fogueira mágica, enfiava numa cartola e de lá tirava um rato morto. Com frequência, porém não nesse caso recente, minha intenção era obter, num ato de prestidigitação, uma quantia bem maior com o mínimo de esforço. Eu era ligado em esquemas mirabolantes, artimanhas semilegais, atalhos espertos. Atraíam-me os gestos largos e brilhantes. Muita gente fazia a mesma coisa e se dava bem. Pediam dinheiro emprestado, aplicavam de forma interessante e continuavam ricos mesmo depois de pagar as dívidas. Ou tinham empregos, profissões, como eu havia tido no passado, e enriqueciam de maneira mais modesta, seguindo um ritmo regular. Enquanto isso, eu especulava e ia à falência com toda a dignidade, ocupando dois quartos úmidos no andar térreo de uma casa conjugada, em estilo eduardiano, nas monótonas ruas da terra de ninguém situada no sul de Londres, entre Stockwell e Clapham.

Cresci em Warwickshire, uma cidadezinha perto de Stratford, filho único de um pai músico e de uma mãe que trabalhava como enfermeira no serviço público. Comparada à de Miranda, minha infância foi culturalmente subnutrida. Nela não havia tempo ou espaço para livros nem para a música. Interessei-me precocemente pela eletrônica, porém terminei me formando em antropologia numa universidade de reputação medíocre do sul das Midlands; fiz um curso de conversão em direito e, uma vez qualificado, me especializei em matérias tributárias. Uma semana depois de completar vinte e nove anos, fui expulso da firma e por pouco não passei algum tempo preso. As cem horas de trabalhos comunitários convenceram-me de que eu nunca mais deveria ter um emprego normal. Escrevi a toque de caixa um livro sobre inteligência artificial e ganhei um bom dinheiro: tudo perdido num esquema de pílula da longevidade. Um negócio imobiliário rendeu uma quantia razoável: tudo perdido num esquema de aluguel de carros. Recebi alguns recursos de um tio predileto que havia prosperado graças a uma patente para fabricar bombas de aquecimento: tudo perdido num esquema de seguro-saúde.

Aos trinta e dois anos, eu sobrevivía jogando pela internet nos mercados de ações e de câmbio. Outro esquema. Sete horas por dia curvado sobre o teclado comprando, vendendo, hesitando, dando um soco no ar num instante, me maldizendo no instante seguinte, pelo menos ao iniciar a transação. Eu lia os relatórios técnicos mas, por acreditar que lidava com um sistema aleatório, me baseava sobretudo em palpites. Às vezes dava um salto, outras vezes afundava, porém em média ganhava por ano tanto quanto um carteiro. Pagava o aluguel, que era baixo naqueles tempos, comia e me vestia suficientemente bem, e imaginava que estava começando a me estabilizar, aprendendo a me conhecer. Decidido a ter um desempenho melhor, na casa dos trinta anos, do que o da década anterior.